

MEDICINA·NA·BEIRA·INTERIOR DA·PRÉ-HISTÓRIA·AO·SÉCULO·XX



Nº 5

OUTUBRO 1992

CADERNOS DE CULTURA

PUBLICAÇÃO NÃO PERIÓDICA



CADERNOS DE CULTURA

Director
António Lourenço Marques

Editor
António Salvado

Nº 5 - Outubro de 1992

Publicação não periódica

Preço - 500\$00

Secretariado
Urb. Quinta do Dr. Beirão
Impasse 7,23 - 1º Esq.
6000 CASTELO BRANCO
Telef.: (072) 22471

Direcção Gráfica
Tomás Monteiro
António Camões

Capa
Carlos Matos
(desenho de Ribeiro Farinha)

Publicidade
Projectarte, Lda.
Rua Mousinho Magro, 45
6000 CASTELO BRANCO
Telef.: (072) 326644
Fax: (072) 320752

Impressão e Acabamento
IMPRINTER
Impressores Internacionais SA.

SUMÁRIO

MEMORIA DE AMATO <i>Alfredo Rasteiro</i>	3
ESPAÇO GEOGRÁFICO NAS CENTÚRIAS DE AMATO <i>Maria Adelaide Neto Salvado</i>	9
ALGUMAS PLANTAS AROMÁTICAS USADAS EM AMATO LUSITANO <i>A. M. Lopes Dias</i>	16
A REALIDADE DA DOR NAS CURAS DE AMATO LUSITANO <i>António Lourenço Marques</i>	19
RABACINAS - UMA COMUNIDADE PERANTE A MORTE <i>Francisco Henriques, João Gouveia e João Caninas</i>	23
A MORTE NO ALCAIDE - ATITUDES E RITUAIS <i>Albano Mendes de Matos</i>	27
POPULAÇÃO DO CONCELHO DE IDANHA-A-NOVA <i>António Maria Romeiro Carvalho</i>	32
MIGUEL TORGA "O ALMA GRANDE <i>António Morão</i>	35
A MORTE E O AMOR <i>António Branquinho Pequeno</i>	38
III JORNADAS - CONCLUSÕES	40

A MEDICINA NO CRUZAMENTO DOS SABERES

Um dos paradoxos mais incómodos do desenvolvimento actual dos conhecimentos científicos reside no divórcio, tantas vezes patente, entre a indispensável focagem do pormenor e o esbatimento negativo da visão do conjunto. A especialização é uma característica "estrutural" da ciência de hoje, mas de efeitos que podem ser redutores se não for iluminada por uma outra perspectiva que englobe o todo.

O que se passa com a medicina actual, pode exemplificar esta realidade. Na história da medicina, o século XX surge-nos marcado por uma dispersão cada vez maior dos campos de intervenção - a especialização e a sub-especialização - com o intuito de se elevar ao máximo grau de competência dos profissionais. Mas o isolamento desses terrenos não é de todo possível.

Cada área comunga da totalidade do ser humano e reflecte as suas ligações ao meio. Só a correcta confluência interdisciplinar permite, de facto, resolver este "defeito" da especialização, que pode ser muito evidente ao nível de dois dos componentes fundamentais da formação médica: a obtenção dos conhecimentos e o assumir das atitudes terapêuticas. Apenas um outro constituinte, a destreza, pode fugir a tal exigência.

Medicina na Beira Interior - da pré-história ao século XX procura reflectir e estimular, a partir de testemunhos desta região, o entendimento que enunciámos. Revelar as manifestações humanas aqui verificadas, com laços à medicina e interessantes do ponto de vista da história do saber, e observá-las dos mais diversos prismas de modo a usufruir a sua totalidade. Pretende-se um diálogo entre as disciplinas, com uma postura de humildade se assim quiserem entender, mais susceptível de mostrar pontos de cruzamento, que engendrem uma concepção comum do saber do que a exibição altiva de um qualquer sistema "intocável" de conhecimento. A história do saber é o mais eficaz "remédio para a especialização" na sábia opinião de Georges Gusdorf.

Este 5º número regista vários trabalhos apresentados durante as nossas III Jornadas, realizadas em Outubro de 1991, e que se subordinaram aos temas "Amato Lusitano: o médico e o humanista" e "O amor e a morte na Beira Interior". Outras comunicações dessas Jornadas aguardam publicação. Entretanto, encontramos-nos a dar realidade às IV Jornadas, a ter lugar nos dias 23, 24 e 25 de Outubro de 1992, e em que Amato Lusitano se mantém como figura tutelar e os outros temas da vida e da dor na Beira Interior proporcionarão, certamente, nova oportunidade para prosseguir de forma profíqua este caminho.

Rabacinas - uma comunidade perante a morte

Por Francisco Henriques, Jorge Gouveia e João Caninas

Rabacinas é uma pequena comunidade do concelho de Proença-a-Nova, freguesia de Montes da Senhora. Está implantada na vertente poente da serra das Talhadas e, morfológicamente, o seu território é de grande irregularidade, com cotas que variam entre os 220 (ribeiro de Rabacinas) e os 471 metros (serra das Talhadas).

Era, e é uma comunidade com práticas agrícolas de subsistência, levadas a cabo em socacos da serra-onde a água abunda-até ao Ribeiro.

Era uma comunidade pobre que obrigava a emigrações sazonais de mão-de-obra, para a ceifa no Alentejo e para a colha da azeitona e outros trabalhos agrícolas, na área de Rodão. Mais recentemente (década de 40/50) surgiu um fluxo migratório para a área de Lisboa.

Do ponto de vista demográfico, a evolução desde o início do século tem sido a seguinte:

O número de habitantes foi obtido a partir do censo dos respectivos anos. O número relativo a 1991 foi obtido por telefonema para a Câmara Municipal de Proença-a-Nova, ainda que nos pareça diminuto pelo que conhecemos da aldeia.

Nunca existiu igreja na povoação.

2. A quase totalidade do material que constitui este trabalho, foi recolhida em 1986 e 1987. Pretendíamos, então, complementar (ainda que num escrito independente) o trabalho "1819-1846-óbitos da Freguesia de Vila Velha de Rodão", com a vertente etnográfica para a área vizinha. Acabámos por não o elaborar.

Para este trabalho houve uma releitura e reordenamento do material já recolhido e, depois de completo, uma nova visita à comunidade visada para confirmação de todos os elementos e, porventura, o acrescento de outros novos. As fontes foram várias pessoas, de ambos os sexos e quase todas com mais de sete décadas de vida.

O trabalho descritivo que agora nos propomos apresentar, não é um contributo isolado, faz parte de um projecto mais vasto de inventariação do património cultural deste e de outros concelhos, no Alto Tejo Português.

Desde 1988 que vêm sendo divulgados os primeiros trabalhos temático (Contos Populares, 1988; Medicina Popular, 1990; e Poesia Popular, 1991) e outros se preparam como o Vocabulário e Expressões e a Gastronomia.

As primeiras contribuições já divulgadas não esgotam o tema,

pelo menos assim o desejamos. O caso dos Contos Populares é um exemplo disso, com uma segunda contribuição já em preparação.

3. Como é uma primeira abordagem, não entramos em questões interpretativas. Isso exigia um conhecimento ainda mais profundo da comunidade. Não deixamos, no entanto, de tecer alguns comentários que nos parecem pertinentes. Assim:

- Salientamos o importante papel desempenhado pelo vizinho mais próximo.

- É curioso verificar, tal como já o tínhamos feito para a doença na Medicina Popular, também a morte é vivida socialmente; havendo uma nítida reacção do grupo para com o morto e família enlutada.

- O forte espírito de entejuda da comunidade, verificável em toda a sua prática. Aliás, somos mesmo de opinião que esta comunidade conseguiu resistir ao tempo pelo elevado espírito de grupo que soube conservar.

Para fechar esta nota introdutória acrescentamos que quase nada do que aqui e agora trazemos se mantém.

Seguidamente, passamos a descrever as diferentes "fases" da morte em Rabacinas.

O moribundo

Quando alguém estava moribundo chamava-se o padre para o confessar e administrar a extrema-unção.

O morto

Quando uma pessoa morria, a primeira coisa que se fazia era chamar o vizinho "de mais perto da porta" e informá-lo da ocorrência. Este tinha a função de circular pelo povo avisando a comunidade da morte de um dos seus elementos e, simultaneamente, dar conhecimento do evento ao padre da freguesia (Montes da Senhora).

Preparação

Depois de lavar e barbear (se era homem) o morto, vestiam-lhe a roupa melhor que tinha, a qual estava, geralmente, bem guardada e preparada para aquela ocasião, mesmo que a morte chegasse de surpresa. Se a "roupa melhor" não existia, ou não estava disponível, vestiam-lhe qualquer muda de roupa desde que estivesse limpa.

Ao vizinho mais próximo estava, geralmente, entregue a função de lavar e vestir o morto. Dizemos "geralmente" porque, algumas vezes, recorria-se ao serviço de uma mulher, que habitualmente também fazia este serviço. A barba era feita por um

Ano	Nº de habitantes
1911	250
1930	309
1940	309
1960	243
1991	54



homem. Para os homens a mortalha era constituída por: um par de sapatos ou botas; umas ceroulas e umas calças; uma camisa e um casaco; um lençol para o cobrir. Para as mulheres era constituída por: um colete; um par de sapatos e meias; uma saia e uma blusa; um casaco (nem sempre); um lençol para a cobrir. A mortalha era preparada quando se estava doente havendo, entretanto, pessoas que a preparavam com muitos anos de antecedência.

Na generalidade dos casos, as duas únicas preocupações existentes com a mortalha era seleccionar a melhor roupa e não incluir indumentária de cor negra.

Depois de preparado, e durante o velório, o morto estava na cama e só passava para o esquife no momento de sair para o cemitério. Enquanto estava na cama era totalmente coberto com um lençol, ou com uma colcha branca.

Velório

Em Rabacinas, quando morria uma pessoa, os familiares do morto dessa casa não faziam comida. Esta era confeccionada pelos vizinhos que a levavam à casa dos familiares que residiam com o morto. A ementa era constituída por ovos fritos, sopas de ovo ou batatas com bacalhau. Estava estritamente proibido, durante um dia, a ingestão de carne porque diziam que “quem dá carne para a terra, não deve comer carne”.

Em comunidades vizinhas (Bairrada), esta proibição alargava-se para três dias alegando-se que seria comida a carne do morto. Devido à configuração arquitectónica das casas (o quarto era do tamanho da cama), as pessoas tinham que estar na sala ou na cozinha enquanto velavam o morto. Este, como já dissemos, estava na cama, no quarto.

Cada pessoa que chegava ao velório trazia consigo, na generalidade dos casos, uma manta para se deitar e/ou embrulhar e, algumas vezes, uma almofada para se sentar ou mesmo deitar. As pessoas presentes sentavam-se no chão encostadas à parede. Era frequente deixarem-se dormir. Não era raro, enquanto dormia, que algum dos participantes no velório deixasse escapar um peido, o que dava azo a uma risada geral.

Participava no velório um elemento de cada casa, geralmente era uma mulher. O homem, quando muito, passava fugazmente pelo local, se era familiar chegado. Esta mantinha-se a velá-lo durante toda a noite indo, entretanto, conversando (de temática diversificada, nalgumas casas, noutras quase não se falava) dormindo e rezando o terço pela alma do morto.

Era costume ter junto do morto uma taça com água benta, que iam buscar à igreja. Assim, cada pessoa que chegava, depois de rezar um Padre Nosso aspergia o morto, com um ramo de oliveira, na cabeça, nos pés e na barriga. Outras, preferiam fazer uma cruz sobre ele. Cada indivíduo levava consigo uma candeia de azeite que era dependurada no compartimento do morto. Com frequência era necessário colocar um fio, de um a outro lado do quarto, para dependurar todas as candeias. A casa acabava por ficar com um cheiro nauseabundo provocado pelo fumo.

O esquife estava no lagar, ninguém o queria em casa. E quando se começou a usar o caixão aconteceu deitarem-no ribeiro abaixo.

Muitas vezes, devido à estrutura arquitectónica das casas, não conseguiam levar o esquife junto do morto. Então, traziam o morto, destapado, em braços, para fora de casa, com um homem à frente e outro atrás. No momento da saída do morto, era distribuído pelos inocentes (crianças até sete anos) uma fatia de pão “seco”. Diziam que era a primeira oferenda pela alma do morto. Não deixavam estar as crianças ao pé dos mortos. Deste modo, quando havia mortos em casa, as crianças iam para as casas de vizinhos ou de familiares.

Enterro

Em Rabacinas não havia cemitério. Os mortos tinham que ser transportados, em ombros, para Montes da Senhora, que dista cerca de 5 quilómetros de Rabacinas, por caminhos na altura pouco praticáveis. Neste percurso havia 5 “pousos”, em locais pré determinados (centro de Rabacinas, alto da Portela, cimo do Casteleiro, Alminhas do Chão de Galego e alto dos Montes da Senhora), onde descansavam. Não havia reza em coro. O padre, residindo nos Montes da Senhora, não acompanhava estes funerais, nem levavam qualquer cruz na cabeça do cortejo.

Nos enterros, há algumas décadas atrás, só os homens acompanhavam os mortos no percurso referido. Era obrigação de cada família enviar um elemento a acompanhar o morto. Se por qualquer motivo não o podiam fazer, pagavam uma jorna (valor de um dia de trabalho) ao vizinho mais perto da porta para representar a família. A família “mais chegada” (ascendente/descendente) não participava no funeral.

Era também hábito que, enquanto o enterro passasse em frente de uma casa, todos os seus ocupantes sentados e mesmo doentes acamados, deviam colocar-se de pé. Diziam que «não era bom» ficar sentado ou deitado. Os homens, mesmo dentro de casa, deviam descobrir-se, ou seja, tirar o chapéu. E, se qualquer homem se cruzasse com o acompanhamento, na rua, devia postar-se de um ou outro lado da via, tirar o chapéu e mesmo rezar um padre-nosso (nem sempre) como sinal de respeito.

Dissemos atrás que só os homens acompanhavam os mortos. Mas, nem todos os homens da aldeia. Esta estava dividida em duas partes (a de cima e a de baixo), sendo o forno a linha divisória. Deste modo, quando morria um habitante da parte de cima, só era acompanhado por homens da parte de cima. Se o elemento morto era da parte de baixo da povoação, só era acompanhado pelos homens da parte de baixo. Este sistema durou enquanto se usou esquife, desapareceu com a introdução do caixão.

Nos Montes da Senhora, depois do funeral feito, o dinheiro recebido do acto de representar os vizinhos era gasto em vinho.

É curioso verificar, tal como já o tínhamos feito para a doença na Medicina Popular, também a morte é vivida socialmente; havendo uma nítida reacção do grupo para com o morto e família enlutada

Assim, era natural que os homens regressassem sempre bêbedos. De regresso, como nem sempre vinham juntos, ninguém queria trazer o esquife.

Pela morte de um anjo (crianças com menos de sete anos) os

Desde 1988 que vêm sendo divulgados os primeiros trabalhos temáticos (Contos Populares 1988, Medicina Popular 1990 e Poesia Popular 1991) e outros se preparam como o Vocabulário e Expressões e a Gastronomia.



Quadro I - Tempos e sinais de luto

Relacionamento familiar	Tempos mínimos de luto	Observações
Marido pela esposa	3 ou 4 anos	Frequentemente era menos tempo. Muitas vezes, os homens voltavam a casar-se. Usava camisa preta até começar a aliviar luto (uso da fita preta). Se ainda andava de luto pela esposa anterior, deixava logo de o andar.
Esposa pelo marido	Toda a vida	Usava luto carregado 1 ano (com xaile pela cabeça). As mulheres raramente voltavam a casar. Nos últimos 50 anos contam-se dois únicos casos. Se casavam, aguardavam 3 ou 4 anos e mesmo depois do novo casamento nunca chegavam a andar de gala.
Pais pelo filho(a) (mais de 7 anos)		3 meses luto carregado. 18 meses de preto. 6 meses de roxo.
(menos de 7 anos)	Não punham luto.	
Filho(a) pelos pais	3 meses luto carregado 18 meses de preto 6 meses de roxo	Os homens deixavam crescer a barba, andavam de casaco e chapéu na cabeça. Depois, passavam a usar só a fita preta no chapéu (se de cor castanho) na manga ou na gola do casaco (se não fosse preto)
Avô(ó) pelo neto(a)	6 meses de luto	
Neto(a) pelo avô(ó)	1 semana de luto carregado 2 meses de luto 4 meses a aliviar luto.	
Sobrinho(a) por um(a) tio(a)	3 meses de roxo	Os últimos 45 dias já traziam qualquer roupa, menos vermelho.
Tio(a) pelo(a) sobrinho(a)	45 ou 30 dias de roxo	
Por um(a) primo(a)	3 meses de roxo	Se o enlutado era do sexo masculino só punha fita preta no braço e nem sempre.
Por um(a) cunhado(a)	1 mês de luto 11 meses a aliviar o luto.	
Pelo(a) sogro(a)	mesmo que por um pai	
Pelo genro ou nora	18 meses de luto 6 meses a aliviar luto	

homens não participavam no funeral. O "anjo" era acompanhado por outras crianças e pelas raparigas solteiras da povoação, sendo transportado para o cemitério dentro de um tabuleiro.

Sistema de quotização

O sistema de quotização que abaixo descrevemos foi apenas introduzido com o aparecimento do caixão (há cerca de 40 anos)

porque, ao contrário do esquife, este exigia custos significativos (materiais e mão-de-obra). O caixão era feito pelos carpinteiros da aldeia. Assim, sempre que uma pessoa morria era costume, nesta comunidade, fazer-se uma quotização por todas as famílias para ajudar nas despesas do enterro. O vizinho mais próximo era o responsável pela colecta. Este sistema estendia-se mesmo para além dos limites geográficos da povoação. Assim, qualquer pessoa dali natural que residisse em comunidades vizinhas continuava, geralmente, a pagar a respectiva quotização e, simultaneamente, via-se abrangido pelo mesmo sistema, em caso de morte no seu agregado familiar. Neste caso, o vizinho mais próximo da casa em que residira encarregava-se da colecta que fazia chegar ao seu destinatário.

É natural que o valor da quotização tenha variado muito ao longo do tempo. Há cerca de 35 anos era de cerca 1\$00 por pessoa. A contribuição era igual para crianças (anjo) e adultos e não se tinha em conta a situação sócio-económica do contribuinte.

Luto

O Luto é um conjunto de manifestações de pesar que abrange a generalidade dos familiares mais próximos de um indivíduo que morreu, durante um determinado período de tempo. Depois de tentarmos definir o luto, pareceu-nos útil tomar idêntica atitude para algumas expressões com ele directamente relacionadas. Assim:

Andar de luto carregado: período do luto ainda muito próximo do acontecimento fúnebre que lhe deu origem. Nesta situação, a mulher veste sempre de preto e cobre a cabeça com lenço e xaile da mesma cor. O homem veste camisa preta, sob casaco e usa chapéu. Só por um parente muito próximo se põe luto carregado.

Andar de luto ou andar de preto: diz-se de pessoa que está perante uma situação de luto por morte de qualquer familiar. Veste sempre de preto e pode ou não cobrir a cabeça com um lenço (preto). O homem pode usar qualquer identificação.

Andar de roxo ou aliviar luto: fase de transição entre o luto e a gala. Nesta situação, a pessoa não pode utilizar indumentária de cores alegres. As cores mais usadas são o branco, o preto, o azul escuro e o cinzento.

Andar de gala: diz-se de pessoa que não está sob qualquer situação de luto. Pode vestir, por isso, todas as cores.

Punha-se luto independentemente do sentimento que se sentia pelo morto. Aliás, o luto, em grande número de casos, pareceu-nos ser mais para consumo externo que interno. E como se poderá verificar atinge muito mais as mulheres que os homens.

No quadro I expomos os tempos de luto mínimos. Isso não impedia, entretanto, que fossem ultrapassados ou ficassem aquém.



Se ficavam aquém, imediatamente se levantava a voz crítica da população. Se alguém casava antes do tempo socialmente prescrito, ouviam-se de imediato os comentários: "nem sequer lhe guardava respeito" ou "olha o respeito que lhe guardava".

Aspectos gerais do luto

Um das primeiras manifestações de pesar era o encerramento das janelas da residência do morto. Acontecia de imediato, logo que a pessoa expirasse e abriam-nas um dia depois de ser sepultado.

Se o morto era o pai, a mãe ou qualquer filho com mais de sete anos deixava de se limpar a casa. A proibição apenas abrangia as grandes limpezas, tal como caiar, e não as pequenas limpezas.

Nas épocas festivas (Natal e Páscoa) não estavam indicadas reuniões de familiares, refeições melhoradas e doçaria própria da ocasião. Para suprir esta situação, vizinhos e familiares davam à família enlutada a doçaria (bolos) que esta não podia fazer. Esta proibição era variável consoante o grau de parentesco do familiar morto; para os parentes mais próximos durava cerca de um ou dois anos. No caso de luto pelo marido, a viúva, geralmente, nunca mais a fazia. Quem estava de luto não devia ir para festas, bailes, etc. Em suma, não devia extroverter os seus sentimentos de alegria.

Vestígios do luto

na aparência física e na indumentária

Nos homens: camisa preta, casaco vestido, chapéu na cabeça e deixar de se barbear (atitude de um filho pela morte do pai -

procedimento nem sempre verificável). Luto carregado; fita preta na gola do casaco; fita preta no braço do casaco; fita preta no chapéu, se era castanho.

Nas mulheres: todas vestidas de preto com xaile e lenço pela cabeça. (luto carregado); todas vestidas de preto com o lenço pela cabeça; vestidas de preto, sem lenço e sem xaile; brincos das orelhas forrados de pano preto.

Bibliografia

- Cabral, João de Pina, OS CULTOS DA MORTE NO NOROESTE DE PORTUGAL. In *A Morte no Portugal Contemporâneo*, pp. 65-87, Edição Querco, Lisboa 1985.
- Henriques, Francisco e João Caninas, 1819 - 1946 ÓBITOS DA FREGUESIA DE VILA VELHA DE RÓDÃO, Primeira leitura, *Preservação* 9-11, pp. 87-179, Vila velha de Ródão 1990.
- Henriques, Francisco e João Caninas, CONTOS POPULARES DOS CORTELHÕES E PLINGACHEIROS, *Preservação* nº8, p.79, Vila Velha de Ródão 1991.
- Henriques, Francisco e João Caninas, POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS, *Preservação* nº12, p. 158, Vila Velha de Ródão 1991.
- Henriques, Francisco e João Caninas, Maria dos Anjos Henriques e Maria do Céu Duarte, MEDICINA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS, *Preservação* 9-11, pp.35-85, Vila Velha de Rodão, 1990.